

OS EIXOS QUE CRUZAM O FILME *O AUTO DA COMPADECIDA* COM AS PEÇAS *AUTO DA COMPADECIDA E O SANTO E A PORCA*

EULÁLIO, Marcela de Melo Cordeiro (Bolsista- PET-Letras)
NASCIMENTO, Juliana Ramos do (Colaboradora- PET- Letras)
MESSIAS, Juliane da Silva (Bolsista PET- Letras)
Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves
Universidade Federal de Campina Grande

Este trabalho tem como objetivo analisar de que forma o filme *O auto da Compadecida* utiliza as peças *Auto da Compadecida* e *O Santo e a Porca* de Ariano Suassuna. Para fundamentar nossa análise, alicerçamo-nos na Literatura Comparada tendo como base a ótica de (CARVALHAL, 1943). Em decorrência disso, nosso *corpus* constitui-se basicamente dos três elementos a serem analisados: o filme *O auto da compadecida* e as peças *Auto da Compadecida* e a peça *O Santo e a Porca*. Com esta análise, queremos destacar o modo criativo como o diretor do filme incorpora cenas e personagens de outras obras, reforçando o caráter cômico que perpassa a dramaturgia de Suassuna.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; filme; peças; Ariano Suassuna, Guel arraes.

INTRODUÇÃO

A palavra teatro originou-se do grego “theatron” que significa “lugar para olhar”, englobando apenas o prédio onde os autores fazem suas peças. Porém, com o passar do tempo, o termo teatro passou a englobar também as produções literárias em geral, considerando não só a exposição das peças como também a produção dessas¹.

Sendo assim, vamos caminhar um pouco sob o teatro nordestino, no qual Ariano Suassuna é um dos poucos dramaturgos que conseguiu reconhecimento nacional, através de suas peças, como, por exemplo: *O santo e a porca* e o *Auto da compadecida*. Em tais peças, o autor consegue, tanto nos mostrar a face nordestina em o *Auto da compadecida*, como várias outras características, dentre elas uma face religiosa trazida pelas duas peças que nos expõe, implicitamente, por meio de seus personagens uma crítica a determinadas atitudes da nossa sociedade. Sendo assim, temos como objetivo, no presente trabalho, analisar a influência de tais peças no filme *O auto da compadecida* dirigido por Guel Arraes. O filme em questão é a versão midiática da peça *Auto da compadecida*, porém, com alguns elementos da peça “O santo e a porca”, o que o torna uma aliança das duas peças.

Para cumprirmos nosso objetivo, teremos como base, alguns elementos da Literatura Comparada, especificamente, a ótica de Carvalhal (1943)//, conforme a qual a Literatura

Comparada não pode ser tomada somente como sinônimo de “comparação”, como veremos mais a frente. Ao relacionarmos nosso *corpus* constituído pelas peças *O santo e a porca* e o *Auto da compadecida* e o filme *O auto da compadecida* à teoria comparativista, desejamos destacar o modo criativo como o diretor do filme, Guel Arraes, incorpora cenas e personagens de outras obras, reforçando o caráter cômico que perpassa a dramaturgia de Suassuna.

1. CONHECENDO A PEÇA *O SANTO E A PORCA*

A peça *O santo e a porca* foi escrita em 1957 pelo autor paraibano Ariano Suassuna, abordando como tema principal a avareza e a devoção ao Santo Antônio em troca de favores. Sabe-se que a peça teatral é uma “retomada” da peça *Aululariada* escritor romano Plauto. Ainda sobre a peça de Ariano, essa serviu como inspiração para o filme *O auto da compadecida* também de Ariano Suassuna.

A peça teatral abordada se configura em três atos, no primeiro ato inicia a trama de Euricão (personagem avarento) que ao receber uma carta de um amigo, acredita logo que seja para lhe pedir dinheiro emprestado, desse modo ele não abre a carta e já começa a rogar a Santo Antônio proteção de ladrões que o cercavam, todo esse medo se deve ao fato dele esconder uma porquinha herdada do seu bisavô e onde guardava toda sua fortuna. Adiante, entra em cena sua filha (Margarida) e Dodó (guarda de Margarida) perguntando o que estava acontecendo, quando explicado, convenceu seu pai de ler a carta, e essa era um aviso de que Eudoro viria em sua casa. O homem logo voltou a lamentar-se, não queria recebê-lo, Caroba, uma das empregadas da casa, opinou então que ele alugasse um quarto no hotel para Eudoro. E Eurico assim o fez.

Caroba muito esperta logo entendeu o motivo da carta de Eudoro e tentou ao máximo conseguir vantagens com quase todos os personagens, pois na carta Eudoro vinha até a casa de Eurico pedir-lhe o que ele tinha de mais valor, certificando-se Caroba que seria a mão da filha de Eurico, contudo Eurico só pensava em sua porquinha de madeira que continha sua fortuna.

Margarida e Dodó começaram a conversar; ele na verdade era filho de Eudoro, estava usando um disfarce, pois os dois namoravam e queriam casar, no entanto, o pai de Dodó queria que ele estudasse. Com a vinda do pai dele os dois temiam que fossem descobertos. Caroba então apresentou uma solução: que eles não revelassem nada, mas que continuassem com a farsa, pois Eudoro vinha supostamente com a intenção de pedir a mão de Margarida em casamento, e quando confirmasse o pedido daria um jeito. Enquanto isso, Caroba chamou

Benona em um canto e disse que Eudoro vinha para retomar o noivado deles cancelado há muito tempo, depois a mandou sair deixando que ela resolvesse tudo. Para Eudoro que chegara a casa de Eurico, Caroba disse que todos estavam falando que ele queria casar-se com Margarida, Eudoro confirmou, e ela então pediu que ele elogiasse a Eurico e o tratasse com afabilidade e que na hora certa ela lhe diria para fazer o pedido.

Desta forma, Caroba consegue ludibriar cada um dos personagens com seus planos e arranca de todos recompensas. Nesse primeiro ato arma-se toda uma confusão causada por Caroba em torno da vinda de Eudoro.

No segundo ato, está o ápice da armação de Caroba: muito engenhosa, ela consegue planejar e executar seus planos envolvendo todos os personagens da peça. Caroba conversando com Eudoro lhe disse que conseguiria uma entrevista com Margarida depois do jantar, quando todos dormissem ele voltaria à casa de Eurico e teria a entrevista. Antes do jantar Eurico preocupado com sua fortuna na porca, a se ver sozinho, falou a Santo Antônio que esconderia a porca no cemitério, assim sua fortuna ficaria protegida. Mas Pinhão estava escondido e ouviu tudo. O homem foi e escondeu a porca. Chegou a hora do jantar, depois dele todos se dispersaram cada um para seu quarto. Caroba havia combinado com Margarida que se passaria por ela na entrevista, e assim precisava de um vestido dela, com Benona disse que Eudoro queria uma entrevista com ela, a mulher cedeu achando que o horário se justificava pela timidez do homem. E assim, Caroba seguiu conseguindo continuar com seus planos.

No terceiro e último ato, dá-se o desenrolar da peça de forma cômica e genial, toda a confusão armada por Caroba se apresenta e ela consegue tudo o que tinha planejado individualmente com cada personagem.

Por fim, Eurico chega a sua casa desesperado, clamando a Santo Antônio, pois tinha ido ao cemitério conferir se sua porquinha estava lá, e para sua surpresa tinha sido roubada, quem praticou o ato foi Pinhão, porém Eurico nem desconfia de quem poderia ter roubado. Sua filha Margarida ao ver seu desespero acredita que o pai tenha visto ela com Dodó no quarto e resolvem contar tudo, quando Caroba se aproveita da situação e revela estar envergonhada de trabalhar na casa, pois ela era mulher direita e nunca viu tamanha “safadeza”, embora tenha sido ela quem tinha trancado o casal Margarida e Dodó no quarto.

Caroba consegue se livrar da culpa que lhe deveria ser atribuída por toda a confusão que armou, pinhão confessa ter roubado a porquinha e a devolve em troca de vinte conto de réis para comprar um lugar para ele morar com Caroba, passando na cara de Eurico, tudo que ele devia a todos ali, pois nunca pagou aos empregados e Eudoro e Benona planejam o

casamento que acaba se concretizando após as armações de Caroba. E por fim, a peça termina com um desfecho feliz para todos, menos para Eurico que preferiu ficar sozinho com sua porquinhaa morar com a filha ou conviver com os empregados, mesmo descobrindo que essa não vale nada, pois as economias não tinham mais valor por conta do tempo que estão guardadas. O fim mostra uma lição de vida, fazendo o leitor refletir o que vale ou não a pena nesta vida.

2. CONHECENDO A PEÇA *AUTO DA COMPADECIDA*

Também de autoria do poeta paraibano Ariano Suassuna, a obra *Auto da Compadecida* foi escrita em 1955 e somente publicada em 1957, sendo essa uma peça clássica do teatro brasileiro, que se transformou em minissérie (1999), e posteriormente uma versão adaptada para o cinema (2000).

A peça não está organizada em atos, o que permite maior liberdade ao diretor quanto aos modos de encenação, porém o autor sugere a divisão em três atos. Ao escrever a obra o autor dar-lhe um desfecho crítico e moralizante ao abordar temas como a avareza e a religiosidade, especificamente o catolicismo, por meio de personagens populares.

O enredo da peça não possui um ponto ou fato culminante no desenvolver da história, visto que ao construir o enredo Ariano se baseia num conjunto de relações entrelaçadas por uma personagem, que move toda a trama. Mas antes de falar do enredo propriamente dito, vejamos as personagens que compõem a peça, que juntos somam quinze personagens, as quais representam o povo do sertão nordestino da Paraíba. Cada uma delas tem sua simbologia, e o papel que cada um representa é revelador de um povo nordestino, pobre e sofrido, são eles:

O palhaço: a apresentação da peça e dos personagens fica por conta do palhaço que representa o autor da obra.

João Grilo: a personagem principal é João Grilo, “o Grilo mais inteligente do mundo”, por atuar como o criador das diversas situações da peça;

Chicó: amigo de João Grilo, acometido sempre pelo medo “sou homemmas sou frouxo”, esse representa um grande contador de histórias, que sempre tinha como resposta “Não sei, só sei que foi assim”, para qualquer um que questionasse a veracidade de seus contos;

Padre João, Sacristão e o Bispo: são os representantes da igreja. Esses são revelador de um lado pouco louvável da igreja. Corruptos, eles procuravam sempre se beneficiar e ganhar

dinheiro dos fiéis. Fazendo uso do poder, considerando a relação de hierarquia estabelecida entre eles, acabavam competindo entre eles em busca de lucrar mais que o outro.

Padeiro- religioso e sempre desconfiado da fidelidade de sua esposa, apesar de obedecê-la sempre- e **Mulher do Padeiro**– adúltera, sedutora e “Safada mas valente” : são os padrões de João Grilo e Chicó, esses acabam explorando os empregados e isso faz com que esses sempre procurem trapacear os padrões, e para isso a esperteza de João Grilo é fundamental;

Cangaceiro e Severino do Aracaju: são os valentões do sertão, personagens já bem conhecidos da história do nordestino, esses se tornaram assassinos depois de verem seus familiares serem mortos pelos militares, o que acabou inocentando esses no julgamento final. Esses são uma versão do famoso Lampião- o rei do cangaço- e seu Cangaceiro.

Encourado: “Este é O diabo, que, segundo uma crença do ser tão do Nordeste, é um homem muito moreno, que se veste como um vaqueiro”, esse representa o acusador na cena do julgamento final.

Demônio: Juntamente com o Encourado, julga com o intuito de aumentar a população do inferno;

Manuel: é o Cristo, representa o juiz que dá a sentença para os réus do julgamento final;

A Compadecida: é mãe do Cristo, A nossa Senhora, aparece como a advogada que intercede pelos fiéis, livrando-os do inferno, após o pedido do João Grilo, que pede sua intercessão através de um verso “o versinho que Canário Pardo”;

Antônio Moraes: o rico fazendeiro, autoritário, sempre metia medo nos cidadãos de pequena cidade, inclusive nas autoridades da igreja, que sempre haviam de dar razão ao major;

O Frade: “é a alegria e bondade em Pessoa”, acompanha o bispo, que o tratava com desprezo. Esse teve sua vida poupada, graças à superstição de Severino “Não, não gosto de matar frade que dá azar. Vá embora”. Sua atitude de absorção condicional, no momento do assassinato em massa, acaba sendo considerada pela Compadecida, no julgamento.

Dentre essas personagens, uma merece destaque: João Grilo. Não apenas por ser a personagem principal da peça, mas por ser também personagem principal de outra obra, da literatura em cordel. João Grilo chegou ao Brasil através de João Ferreira de Lima, poeta pernambucano, que escreveu na década de 20, folheto intitulado *As palhaçadas de João Grilo*, o que mais tarde tornou-se *As proezas de João Grilo*, de João Martins de Athaydeⁱⁱ.

Nesse, “o amarelo” João Grilo é um menino, que desde cedo já expressava sua inteligência e esperteza, acabava sempre se saindo bem com seu interrogatório, o que irritava muita gente. No cordel, primeira parte, João é ainda menino; o padre também é figura presente, além de alvo ou vítima das graças do Grilo; Largou a escola, mas suas perguntas sempre desmoralizava o professor; Sua astúcia foi a solução para seu tempo ruim e da sua mãe. Na segunda parte do cordel o Grilo é convidado pelo Sultão para provar sua inteligência, depois de uma série de perguntas, as quais o Grilo sempre respondia sem dificuldades e com muito humor, é aprovado e fica na corte. Convidado para uma festa, o Grilo vai sem elegância, o que causa espanto, o que faz com que o rei peça para mudar de roupa, Grilo vendo que todos estavam abismados com seus trajés aproveitou para ironizar dizendo:

[...] Esta mesa tão repleta
de tanta comida boa
não foi posta para mim
um ente vulgar à toa;
desde a sobremesa à sopa
foram postas à minha roupa
e não à minha pessoa.

[...] Eu estando esmolambado
ia comer na cozinha
mas como troquei de roupa
como junto da rainha
vejo nisto um grande ultraje
homenagem ao meu traje
e não à pessoa minha.

[...] Toda corte imperial
pediu desculpa a João
e muito tempo falou-se
naquela dura lição

Vejamos, agora, o enredo que é formado por um conjunto de situações. Esse tem um circo como espaço de encenação. Entra o Palhaço e apresenta a peça e explica o espaço, a pequena cidade do sertão da Paraíba. A trama inicia com a primeira situação quando Chicó e João Grilo vão encomendar uma benção ao Padre João para um cachorro, que pertence ao Padeiro e sua Esposa- Patrões de Chicó e Grilo. No entanto, após a negação do Padre, João Grilo tem a ideia de mencionar que o cachorro pertencia ao major Antônio Moraes- o rico e imponente fazendeiro-, já que ele não aparecia na cidade há tempos, o que muda a forma de pensar o padre, que já tinha benzido o motor da fazenda do major.

Porém, segunda situação, o major vem à cidade, e cabe ao Grilo “remendar” a conversa, então resolve dizer que o Padre tá doido e, agora, Chama todo mundo de Cachorro.

Isso distorce a conversa que Antônio Moraes tem com o Padre, e provoca muitos mal entendidos. Para resolver seu problema, terceira situação, Grilo procura o Padre e conta que o cachorro da Esposa do padeiro também precisa de uma benção, mas o Padre não aceita, até porque o Bispo está prestes a chegar à cidade. A mudança de pensamento do clero irrita os patrões de Chicó e João Grilo, e dessa vez a briga não é mais pela benção, mas sim pelo enterro, e mesmo assim não tem solução até o ponto de João ter mais umas de suas ideias.

Então, João Grilo inventa a existência de um testamento deixado pelo cachorro. No documento, havia uma contribuição em dinheiro para a igreja, o que fez o Padre mudar de ideia e enterrar o cachorro, fazendo uma “celebração de corpo presente” em Latim. Depois da chegada do Bispo, tal atitude do Padre irrita sua autoridade maior, o Bispo, que também muda de pensamento, após a descoberta que também lucraria com o testamento.

Ao ver sua patroa lamentando a perda do animal, quarta situação, João Grilo arruma um gato que descome dinheiro, o que faz a Esposa do Padeiro interessar-se mais, e assim João Grilo faz seu lucro.

Em seguida, quinta situação, a cidade é invadida pelos Cangaceiros, o bando de Severino do Aracajú, após o assalto feito por esses a cidade, Severino resolve matar um a um, nesse momento o Grilo tem a ideia de presentear Severino com uma Gaita benzida por padre Cicero, o qual Severino é devoto e o tem como padrinho, e que tinha o poder de ressuscitar os mortos. Para provar o poder da gaita, Grilo resolve apunhalar Chicó, com o objetivo de atingir uma bexiga de sangue, proveniente de mais umas das invenções de Grilo que mandou Chicó encher a bexiga do cachorro de sangue, o cachorro morto dos ex-patrões. Atingindo a bexiga, Chicó se finge de morto e depois do som da gaita levanta dançando, como se estivesse ressuscitando, fazendo Severino crer no poder da Gaita, e para reforçar a invenção Chicó ainda diz ter visto o padrinho de Severino no céu. Para realizar o sonho de conhecer Padre Cicero, Severino manda o Cangaceiro atirar nele e depois tocar a gaita, descobrindo a mentira o Cangaceiro mata Grilo. Do assassinado em massa, salvaram-se Chicó e o Frade.

Depois todos os mortos se encontraram no julgamento final, momento anunciado pelo Palhaço, é a sexta situação, contando com a presença do Demônio, o Encourado, Manuel. Após todas as acusações e apelações, quando todos estão sem mais nenhuma esperança, mais uma vez de João Grilo surge outra ideia que é apelar pela mãe da justiça, que é misericórdia da virgem Maria, através de um verso. Surge na sexta situação, então, a Compadecida, que intercede por todos e juntamente com João Grilo, encontra soluções bem melhores que a passagem direta para o inferno.

3. UM POUCO DA TEORIA COMPARATIVISTA

3.1- O QUE É LITERATURA COMPARADA?

Para Carvalhal (1943), a literatura é muito mais complexa, sendo uma atividade crítica que dá base à crítica literária, à historiografia literária, bem como à teoria literária, mostrando-nos que na “Literatura Comparada” a comparação vai bem mais além do que o simples ato que conhecemos: comparar dois elementos, observando suas similaridades.

A autora em questão deixa-nos claro que a literatura em processo não pode ser tida como sinônimo de “comparação”, devido a duas questões simples: primeiro, porque a comparação não é um recurso de propriedade do comparativista; segundo, porque a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação do que está sendo analisado.

Ou seja, a comparação é propriedade de todos, já que é feita com base na estrutura do pensamento do homem e na sua cultura. No meio religioso, vemos que um Islâmico tem crenças bem diferentes de um cristão, já que o primeiro crer em Alá como seus único deus, ao mesmo tempo que tem o Alcorão como obra que guarda os textos sagrados, enquanto o segundo crer também em um único deus, o pai de todos, criador do céu e da terra, mas tem a bíblia como a obra que guarda os textos sagrados. Por isso, o termo comparar é muito amplo, envolvendo diversas áreas do conhecimento humano, oferecendo um meio para o alcance dos objetivos nos estudos literários, como o objetivo aqui presente em nosso trabalho.

A dimensão de conhecimentos tão presente em nossa sociedade possibilita os estudos interdisciplinares nas diversas áreas que estão ao nosso alcance, inclusive na literatura, instigando-nos a ampliar os campos de pesquisa, bem como à aquisição de competências em tal área, como podemos ver no conceito, colocado abaixo, sob o ponto de vista de Henry H. Remak (1971 apud CARVALHAL, 1943, P.74), para quem a literatura comparada é:

“o estudo de literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música), a filosofia, a história, as ciências sociais (política, economia, sociologia), as ciências, as religiões, etc., de outro. Em suma é a comparação de uma literatura com outras esferas da expressão humana.”

Compreendendo o conceito acima visto, Carvalhal (1943, p.74) simplifica de forma clara e objetiva o que é a literatura comparada: “a literatura comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística”, ou seja, ao compararmos dois textos

literários precisamos considerar a intertextualidade existente entre tais textos lembrando de que não existe um discurso puro, uma vez que ao produzir nosso discurso, nós retomamos, por meio do dialogismo, um discurso anteriormente dito por outrem (BAKHTIN, 1997).

Em suma, o comparativismo é muito mais do que o confronto entre obras e autores, pois ele abrange todo o meio, no qual esses dois estão inseridos, envolvendo, assim, também o próprio leitor, o qual é o receptor do texto, como veremos no próximo tópico ao observarmos a influência da estética da recepção na literatura comparada.

4. O FILME O AUTO DA COMPADECIDA: AUTO DA COMPADECIDA MAIS O SANTO E A PORCA

Conforme o roteiro do diretor Guel Arraes, o filme “O *auto da Compadecida*”, versão midiática da peça *Auto da Compadecidade* Ariano Suassuna, foi lançado, por meio da rede globo filmes, em 2000. Para relembrarmos o filme, vejamos a sinopse do mesmo retirada do site globo filmes, abaixo apresentada:

No vilarejo de Taperoá, sertão da Paraíba, João Grilo (Matheus Nachtergaele) e Chicó (Selton Mello), dois nordestinos sem eira nem beira, andam pelas ruas anunciando A Paixão de Cristo, "o filme mais arretado do mundo". A sessão é um sucesso, eles conseguem alguns trocados, mas a luta pela sobrevivência continua. João Grilo e Chicó preparam inúmeros planos para conseguir um pouco de dinheiro. Novos desafios vão surgindo, provocando mais confusões armadas pela esperteza de João Grilo, sempre em parceria com Chicó, mas a chegada da bela Rosinha (Virgínia Cavendish), filha de Antonio Moraes (Paulo Goulart), desperta a paixão de Chicó, e ciúmes do cabo Setenta (Aramis Trindade). Os planos da dupla, que envolvem o casamento entre Chicó e Rosinha e a posse de uma porca de barro recheada de dinheiro, são interrompidos pela chegada do cangaceiro Severino (marco Nanini) e a morte de João Grilo. Todos os mortos reencontram-se no Juízo Final, onde serão julgados no Tribunal das Almas por um Jesus negro (Maurício Gonçalves) e pelo diabo (Luís Melo). O destino de cada um deles será decidido pela aparição de Nossa Senhora, a Compadecida (Fernanda Montenegro) e traz um final surpreendente, principalmente para João Grilo.

(Fonte: <http://globofilmes.globo.com/OAutodaCompadecida/>)

Ao lermos a sinopse, percebemos de início algo que não tem na peça *Auto da compadecida*: o anuncio do filme A paixão de cristo. Assim, percebemos logo que o diretor Guell Arraes fez alguns incrementos no filme. Na peça, a história começa, no momento em que o bispo descobre que o padre enterrou o cachorro e vem perguntar ao mesmo que história de enterro é essa, como vemos no trecho abaixo:

O Bispo lhe perguntou:
Então, que cachorro foi que o reverendo enterrou?
- Foi um cachorro importante,
Animal de inteligência:
Ele, antes de morrer,

Deixou a Vossa Excelência
Dois contos de réis em ouro.
Se eu errei, tenha paciência.
- Não errou não, meu vigário,
Você é um bom pastor.
Desculpe eu incomodá-lo,
A culpa é do portador!
Um cachorro como esse,
Se vê que é merecedor!

É notável também que, na peça, o enterro do cachorro é pago com dois contos de réis em ouro, diferentemente do filme, no qual o dinheiro é dado em cédulas, as quais podem mostrar de forma mais nítida a realidade do povo que tinha uma vida dura. Além do início, o final do filme também é diferente da peça, pois nessa a história termina quando João Grilo e Chicó entregam o dinheiro na igreja devido a uma promessa feita a Compadecida, enquanto no filme, a história termina em Rosinha, Chicó e João saindo da cidade, após serem expulsos pelo pai de Rosinha, o major Antônio Moraes.

Além das diferenças entre o filme e a peça de origem, podemos ver também que o diretor do filme não acrescentou, no filme, cenas sem um objetivo ou algo que deixasse a obra de Ariano Suassuna desmerecida. Pelo contrário, o roteirista utilizou-se dos artifícios do próprio Suassuna para incrementar o filme. Podemos ver isto ao ler a peça *O santo e a porca* e o *Auto da compadecida* resumidas no início do trabalho. Assim, iremos perceber que o filme é fruto de uma junção de elementos de tais peças, o que reforça de forma mais enfatizada a crítica feita pelo autor das obras. Vejamos, abaixo, todos os elementos, da peça *O santo e a porca*, adicionadas ao filme:

A porca cheia de dinheiro do velho Eurico: no filme *O auto da compadecida*, temos a mesma porca, porém ela pertenceu a bisavó da personagem Rosinha, herdeira da porca. Como na peça *O santo e a porca*, o dinheiro passa tanto tempo dentro da porca que perde seu valor.

- 1- O nome Eurico: na peça *O santo e a porca*
- 2- , seu Eurico é um velho avarento que explora os seus empregados, e tem o apelido de “Eurico-engole-cobra”. No filme, o padeiro tem as mesmas características que tal personagem, bem como o mesmo nome e apelido.
- 3- Traição da esposa: na peça *O santo e a porca*, seu Eurico foi traído pela sua esposa que o abandonou. No filme, Dora, esposa de Eurico, também o trai com vários homens.

- 4- Caroba: Na peça *O santo e a porca*, Caroba é a empregada de seu Eurico, que utiliza de suas espertezas para sobreviver. No filme, Eurico também tem um empregado que utiliza de suas espertezas para sobreviver: João Grilo.
- 5- Pinhão: Na peça *O santo e a porca*, Pinhão é o companheiro de Caroba, porém ele é um auxiliar dela, já que ajuda a mesma, porém ela é quem trama as artimanhas. No filme, temos Chicó que também é companheiro de João Grilo, porém, da mesma forma que Pinhão, ele só ajuda a seu amigo concretizar seus planos.

Após vermos os elementos da peça *O santo e a porca* que são colocados no filme *O auto da compadecida*, originado pela peça *Auto da Compadecida*, lembramos, inicialmente, da estética da recepção a qual se complementa com os estudos da influência. Ou seja, o roteirista Guel Arraes fez do filme, em tela, fruto de sua recepção acerca das obras de Ariano Suassuna. Ele percebeu que uma das características do dramaturgo em processo é demonstrar por meio de seus personagens, bem como pela ação desses fatos reais de nossa sociedade.

Ariano mostra-nos, nas duas peças em questão a hipocrisia de muitas pessoas que se dizem religiosas, como vimos no *Auto da compadecida*, em que o padre e o bispo são se dizem servos de deus ao mesmo tempo que são gananciosos, bem como na peça *O santo e a porca*, na qual o personagem avarento e ambicioso, Eurico, no momento de avareza chama o nome do santo Antônio, no discurso pronunciado por ele “Santo Antônio me proteja, meu Deus!”. Conforme a bíblia sagrada, um dos sete pecados capitais é a avareza, o que torna o discurso do personagem Eurico contraditório, pois no momento em que ele comete um pecado, pronuncia o nome de Deus. Outra pessoa que se diz religiosa ao mesmo tempo que comete um pecado é a esposa do padeiro, Dora, pois ela trai o marido, sabe que é um pecado, confessa seus pecados e o trai novamente. É hipocrisia você prometer que não vai mais pecar e cometer o mesmo erro novamente, assim como é hipocrisia, segundo a religião cristã, você pronunciar o nome de uma santa na hora em que este pecando como faz Dora, o filme: “Valha, minha nossa senhora”, no momento em que seu marido está chegando e ela está com seu amante.

Outra questão bem marcante no filme, a qual também está bem presente em nossa sociedade é o racismo, já que o autor representante de Jesus, no filme, é negro, o que deixa João Grilo espantado mostrando, desse modo, seu preconceito com a cor negra. Dificilmente, na nossa sociedade, Jesus é negro, pois normalmente é representado por um Europeu de olhos azuis, sendo esse o motivo gerador do espanto de João Grilo, além de seu preconceito, ao dizer “Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado”, ou seja, por ser um “ser” superior não poderia ser negro? Qual o

problema?! Eis que a nossa sociedade, ainda é dessa forma, embora, hoje o preconceito não seja tão demonstrado devido a lei que pune o racismo, porém, uma vez ou outra as pessoas de certa forma demonstram quer queiram quer não seu preconceito, como o próprio João Grilo fez ao dizer “eu pensava que o senhor era muito menos queimado”. Porque ele não disse negro em vez de muito menos queimado? Essa foi o elemento chave utilizado por Ariano Suassuna para representar muitos discursos utilizados por nós. Algumas vezes as pessoas dizem morenas as pessoas negras, sendo preconceituosos, já que não chamariam de moreno um branco.

Ao analisarmos o filme juntamente com as obras que o compõem, vimos que Guel Arraes produziu um filme fascinante, uma vez que não contradiz em momento nenhum Ariano Suassuna, reforçando suas críticas com elementos, isto é, personagens, temas, etc, do próprio autor em outras peças, além da que origina o filme, como a aqui analisada: *O santo e a porca*.

Ao interligar elementos das obras de Ariano em um só roteiro, Guel Arraes fez do filme um instrumento excelente, pelo qual, podemos trabalhar as obras de Ariano Suassuna, com alunos do ensino médio, em aulas de literatura, sendo esta uma forma de instiga-los a estudar o autor, bem como ler as obras, como veremos no próximo tópico.

5. O IMPACTO DO FILME COMO INSTRUMENTO NO ENSINO DE LITERATURA

Estamos no século XXI, século esse no qual a tecnologia avança mais a cada dia, mostrando-nos novas mídias e ferramentas tecnológicas que podem facilitar nossas vidas. Dentre essas ferramentas tecnológicas existem algumas que podem auxiliar-nos no ensino de literatura: DVD, computador, data-show, instrumentos esses que possam reproduzir um filme, elemento esse que não é novo para nós, mas que pode torna-se inovador se utilizado como uma ferramenta pedagógica que incentive aos alunos estudarem literatura.

Como vimos no tópico anterior, o filme *O auto da compadecida* é um eixo que cruza várias peças de Ariano Suassuna, dentre elas as analisadas no presente trabalho: *Auto da compadecida* e *O santo e a porca*. Em decorrência disso, tal filme tornou-se uma excelente ferramenta para estimular os alunos a conhecerem as obras do autor em questão.

Ao trabalhar o filme com os alunos em sala de aula, o professor pode mostrar aos mesmos elementos que retomem as outras obras de Ariano Suassuna, despertando, assim, no aluno, a curiosidade de ler determinada obra. Após despertar tal curiosidade em seus

discentes, a professora pode solicitar-lhes a leitura de uma obra por vez, pedindo para que os mesmos identifiquem os variados elementos presentes na obra do autor para que ele compare não só com o filme em tela, mas também com outra obra do autor. O professor pode solicitar também a leitura dos folhetos que inspiraram Suassuna na construção de suas peças.

Para isso, o professor deve ensinar aos seus alunos a interpretarem a obra, conforme seu conhecimento de mundo, assim, eles irão perceber os temas que perpassam as diversas obras de Ariano Suassuna, conhecendo várias obras por meio de um só filme.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o percurso traçado por nós, no presente trabalho, podemos observar a importância da literatura comparada como instigante para a nossa reflexão como leitores, visto que é comparando as obras que podemos observar a intertextualidade presente nas mesmas, possibilitando a visualização da conversa entre os textos, fazendo-nos concluir que não existe um texto puro, uma vez que sempre haverá um interdiscurso (BAKHTIN, 1997).

Assim como vimos o quanto o filme aqui analisado pode auxiliar ao ensino de literatura, uma vez que devido à competência de Guel Arraes, ele é um conjunto de elementos característicos das obras de Ariano Suassuna, passando a ser, desse modo, uma obra completa de tal autor, ao hospedar tantas características suas.

7. REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARVALHAL, Tania Franco, 1943- Literatura comparada/ Tania Franco Carvalhal. – 4ª ed. rev. e ampliada. – São Paulo: Ática, 2006.

COSTA, Kelly Sheila Inocência. Auto da Compadecida: entre temas, tipos e risos. In.: Literatura no vestibular UEPB/2006/ Ana Lúcia Maria de Souza (org.). Campina Grande: Bagagem, 2005. 104 p.

O AUTO DA COMPADECIDA. Dirigido por Guel Arraes. Brasil: Globo filmes, 2000. TV.

SÁBATO, Magaldi. Panorama do Teatro Brasileiro. 4.v. Ministério da Educação e Cultura/ DAC FUNARTE/ Serviço Nacional de Teatro (s/d).

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

SUASSUNA, Ariano. *O Santo e a Porca*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ⁱ Site no qual pesquisamos sobre a origem do teatro:<http://mitologia.tripod.com/Teatro.htm>

ⁱⁱ As proezas de João Grilo: http://fotolog.terra.com.br/acorda_cordel:90